

**PANDEMIA ANTIDEMOCRÁTICA: A COVID-19 SOB A ÓTICA DA  
NECROPOLÍTICA À BRASILEIRA**

*ANTIDEMOCRATIC PANDEMIC: COVID-19 UNDER THE NECROPOLITICS VIEW OF  
BRAZIL*

*José Carlos Alves SILVA<sup>1</sup>*

*Maria Carolina Poholink Cabral BASSI<sup>2</sup>*

*Thais Sabrine Almeida LUSTOSA<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Desde o período de colonização do Estado brasileiro, a ascensão de determinada classe da população ocorreu através da escravidão, e detrimento dos menos favorecidos, na época, índios e negros, tiveram seus corpos objetificados, suas liberdades usurpadas, sendo, portanto, o alvo da exploração. Tais fatores históricos construíram, e ainda, influenciam de forma determinante a condição socioeconômica dos grupos minoritários; Inclusive, o próprio racismo institucionalizado é reflexo daquele passado hostil, e hoje, apresenta como uma das grandes consequências, a desigualdade enfrentada pela população negra; a qual, no cenário atual, vivencia uma

---

<sup>1</sup> Mestre em Direitos Fundamentais e Democracia pelo Centro Universitário Autônomo do Brasil – UNIBRASIL; Coordenador do Curso de Direito da FAE – Centro Universitário unidade São José dos Pinhais e Araucária. Contato: [josé.silva@fae.edu](mailto:josé.silva@fae.edu)

<sup>2</sup> Bacharel em Direito na instituição de ensino FAE Centro Universitário. Contato: [mariapoholink@gmail.com](mailto:mariapoholink@gmail.com)

<sup>3</sup> Bacharel em Direito na instituição de ensino FAE Centro Universitário. Contato: [thaislustosa88@gmail.com](mailto:thaislustosa88@gmail.com)

exposição de maior vulnerabilidade na crise sanitária enfrentada pelo Brasil, fato este que reafirma o baixo acesso às políticas sociais, entre elas, o acesso ao sistema público de saúde e a assistência de saúde. Deste modo, sob a ótica da Necropolítica institucionalizada, onde o Estado determina a importância de cada vida e, observando que a pandemia da COVID-19 escancarou a atual legitimação da política de mortes, pretende-se conceituar esses institutos, demonstrar que a construção histórica do estado brasileiro está intimamente ligada a metodologia da Necropolítica, e o domínio sobre os corpos negros, para portanto, compreender as relações de morte que mobilizam a população negra no momento da pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Necropolítica; COVID-19; Democracia; Negros; Desigualdade.

#### **ABSTRACT**

Since the period of colonization of the Brazilian State, the rise of a certain class of the population occurred through slavery, and to the detriment of the less favored, at the time, Indians and blacks, had their bodies objectified, their liberties usurped, being, therefore, the target of exploration. Such historical factors have built, and still, have a decisive influence on the socioeconomic status of minority groups; Even institutionalized racism itself is a reflection of that hostile past, and today, as one of the great consequences, it presents the inequality faced by the black population; which, in the current scenario, experiences an exposure of greater vulnerability in the health crisis faced by Brazil, a fact that reaffirms the low access to social policies, among them, access to the public health system and health care. Thus, from the perspective of institutionalized Necropolitics, where the State determines the importance of each life and, noting that the COVID-19 pandemic opened up the current legitimation of the death policy, it is intended to conceptualize these institutes, to demonstrate that the historical construction of the Brazilian state is closely linked to the methodology of the

Necropolitics, and the domain over black bodies, in order to understand the death relationships that mobilize the black population at the time of the pandemic.

**KEYWORDS:** Necropolitics. COVID-19. Democracy. Black. Inequality.

## INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde, reconheceu, no dia 11 de março de 2020 a nova Pandemia provocada pelo coronavírus SARS-COV-19, atualmente designado por COVID-19. Na sequência, o Decreto Legislativo nº 6/200, decretou estado de calamidade até o dia 31 de Dezembro de 2020, em decorrência dos efeitos da crise sanitária enfrentada.

Insta destacar que, a nível pandêmico, as repercussões mais notáveis ocorreram, partindo do século VI com a conhecida “Praga de Justiniano”<sup>4</sup>, passando pelo século XIV com a “Peste Negra”<sup>5</sup>, até se chegar no século XX com a “Gripe Espanhola”<sup>6</sup>; sendo, todas elas, doenças com alto potencial de mortalidade e extermínio da população.

Obviamente, o histórico mundial de doenças avassaladoras e suas principais vítimas têm muito o que dizer no que se refere a desigualdade social e suas maiores

---

<sup>4</sup> A peste justiniana foi assim chamada por ter-se iniciado no Império Bizantino, ao tempo do imperador Justiniano, no ano de 542 d.C. Vide: REZENDE, JM. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. As grandes epidemias da história. pp. 73-82.

<sup>5</sup> A peste negra foi a maior e a mais trágica epidemia que a história registrou, teve início na Ásia Central, espalhando-se por via terrestre e marítima em todas as direções. Em 1334 causou cinco milhões de mortes na Mongólia e no norte da China. Calcula-se em 24 milhões o número de mortos nos países do Oriente. Vide: Lopes, O. C. A Medicina no Tempo. São Paulo, Edusp/Melhoramentos, 1969.

<sup>6</sup> A chamada gripe espanhola, oriunda da Europa em 1918, após a Primeira Guerra Mundial, vitimizou cerca de vinte milhões de pessoas. Vide: Liu, C. “Influenza”. In Hoeprich, P.D. (ed.). Infectious Diseases. Philadelphia, Harper & Row Publ., 1983.

consequências; estudos demográficos recentes<sup>7</sup> mostraram que grupos na extremidade inferior do espectro socioeconômico, sofreram desproporcionalmente nos séculos passados, no entanto, este cenário tem sido reprisado no que tange ao enfrentamento da COVID-19.

Com relação aquelas que sobrevivem às mazelas da sociedade, no Brasil, 75% dos mais pobres são negros, segundo um levantamento realizado em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou como pretos e pardos trabalham, estudam e recebem menos que os brancos no país.<sup>8</sup>

Ainda de acordo com o mesmo estudo, quando se trata em qualidade de vida, as desigualdades por cor ou raça revelam-se também nas condições de moradia, tanto na distribuição espacial dos domicílios, como no acesso a serviços, quanto nas características individuais dos domicílios. Em relação à distribuição espacial, o Censo Demográfico 2010 verificou que, nos dois maiores municípios brasileiros, São Paulo e Rio de Janeiro, a chance de uma pessoa preta ou parda residir em um aglomerado subnormal era mais do que o dobro da verificada entre as pessoas brancas.<sup>9</sup>

Indicadores relacionados à cobertura de serviços de saneamento básico também apontam uma significativa desigualdade, em 2018, verificou-se maior proporção da população preta ou parda residindo em domicílios sem coleta de lixo (12,5%, contra 6,0% da população branca), sem abastecimento de água por rede geral (17,9%, contra 11,5% da população branca), e sem esgotamento sanitário por

---

<sup>7</sup> WADE. Lizzie. From Black Death to fatal flu, past pandemics show why people on the margins suffer most, 2020. Disponível em <<https://www.sciencemag.org/news/2020/05/black-death-fatal-flu-past-pandemics-show-why-people-margins-suffer-most?rss=1#>> Acesso em 27/07/2020

<sup>8</sup> Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil Local: Rio de Janeiro Editor: IBGE Ano: 2019. Disponível em <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)> Acesso em 27/07/2020

<sup>9</sup> No Município de São Paulo, 18,7% das pessoas pretas ou pardas residiam em aglomerados subnormais, enquanto entre as pessoas brancas esse percentual era 7,3%. No Município do Rio de Janeiro, 30,5% das pessoas pretas ou pardas residiam em aglomerados subnormais, ao passo que o percentual registrado entre as pessoas brancas foi 14,3%.

rede coletora ou pluvial (42,8%, contra 26,5% da população branca), implicando condição de vulnerabilidade e maior exposição a vetores de doenças.

Os números não mentem, tanto que, reflexo dessas condições insalubres, é a discrepância do nível de mortalidade do COVID-19, que, em que pese seja democrático no sentido biológico, na realidade, o que se observa, é que o mesmo atinge veemente a “Ralé Brasileira”<sup>10</sup>.

Nesse contexto, a condição econômica é elemento que prescinde o fator da fragilidade; se contra fatos não há argumentos, o que explica a incidência avassaladora de óbitos na população negra?

Em vista da reflexão trazida pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, sobre Necropolítica, o presente ensaio propõe uma análise aprofundada sobre este conceito, e como ele tem sido aplicado e legitimado pelo Estado brasileiro durante a pandemia da COVID-19.

Trata-se de um recorte bibliográfico que apresenta a teoria desenvolvida no que se refere a democratização do poder de matar, e, explica, como esta política, tem sido utilizada como um mecanismo de controle social, desde o período colonial, bem como o reflexo de tal, na circunstância pandêmica e as políticas de prevenção adotadas pelo Estado.

---

<sup>10</sup> “Nome provocativo em uma sociedade que nega e maquia todos os seus conflitos principais; quase 1/3 da população brasileira, é tão abandonada e desprezada socialmente que tem de cuidar do pão de cada dia tornando-a prisioneira do “aqui e agora” que é a negação de qualquer perspectiva ou cálculo de futuro. O que é retirado da “ralé” – por uma sociedade injusta que a explora como mão de obra barata em atividades corporais para que a classe média possa se dedicar a estudos e empregos rentáveis e prestigiosos – é qualquer perspectiva de “futuro”. Existem classes literalmente “com futuro” e outras “sem futuro”, o qual precisa ser cuidadosamente calculado e planejado para acontecer. É esse tipo de “incorporação” de certas capacidades e virtudes que realmente separa as classes uma das outras, e não a renda, que é mero resultado da presença ou da ausência desses pressupostos.” Vide: SOUZA, Jessé. A ralé brasileira: quem é e como vive. 1a. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

Assim, através da exploração de dados, o artigo irá demonstrar a exposição e a vulnerabilidade da população negra, o elevado contágio e índice de mortalidade em relação ao novo vírus; como e porque os números são maiores entre os negros.

Busca-se, ainda, demonstrar as origens de um baixo acesso às políticas sociais, conseqüentemente, a inalcançabilidade de um sistema de saúde efetivo para a população negra, cenário este capaz de conduzir a mortalidade dentro das comunidades negras de forma eminentemente superior, em comparação a população branca.

Este escrito é um convite para um olhar filosófico a partir da contribuição de Achille Mbembe, ao conceito de Necropolítica, e como este está concatenado ao número de negros levados a óbito durante e por conta da pandemia de COVID-19.

## **1 O GERENCIAMENTO DE MORTES**

A fim de elucidar o conceito de “Necropolítica”, convém destacar que a referida corrente epistemológica é desenvolvida pelo filósofo camaronês<sup>11</sup> Achille Mbembe, em um contexto Foucaultiano de “Direito de morte e poder sobre a vida”, no qual Michel Foucault nos apresenta e discute o conceito de biopoder-biopolítica que “[...]”

---

<sup>11</sup> Nascido em julho de 1957 nos Camarões (três anos antes da Independência da República dos Camarões – 1960), fez sua formação acadêmica inicialmente na França e, posteriormente, em Nova Iorque, nos EUA. Atualmente se configura, a partir do campo das Ciências Políticas, como um pensador fértil, polêmico e incisivo nas questões que tocam as Áfricas e os mundos. (LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 70 (no.spe.): 20-33)



foi nada menos do que a entrada da vida na história – isto é, a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder [...]”.<sup>12</sup>

É nesse cenário, em torno das noções de biopolítica e biopoder, que Achille Mbembe apresenta a ideia de Necropolítica, partindo referencialmente de territórios e processos históricos marcados pelas lógicas da colonialidade e neocolonialidade.

Pois, para Mbembe, esses fenômenos marcamos por opressões e violências, dentre as quais podemos destacar a racial, é que se retoma as críticas foucaultianas à noção clássica de soberania, assim dispõe “[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”.<sup>13</sup>

Assim, através dessas discussões sobre soberania, biopoder e biopolítica, Achille Mbembe avança nas reflexões desenvolvidas por Michel Foucault na medida em que introduz a questão colonial, o sistema escravocrata e o modelo de *plantation*<sup>14</sup> como elementos fundamentais para entender tanto a biopolítica quanto a Necropolítica.<sup>15</sup>

Basicamente, entende-se que as organização de colônias não propiciam ambientes humanísticos, na medida em que se desconhece os princípios de cidadania, e portanto, inexistente respeito mútuo, “[...] Em suma, as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles

---

<sup>12</sup> Foucault, M. História da sexualidade: A vontade de saber. Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 2014b, cit. p. 153.

<sup>13</sup> Mbembe, A. (2017). Políticas da inimizade. Lisboa: Antígona. Cit. p. 5.

<sup>14</sup> O sistema *plantation* enquanto estrutura político-jurídica é o modelo em que o escravo pertence ao senhor. (Mbembe, 2018)

<sup>15</sup> LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 70 (no.spe.): 20-33, 2018.

e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização”.<sup>16</sup>

Segundo seus ensinamentos, a escravidão ou o processo escravocrata, constituiu “[...] umas das primeiras instâncias de experimentação biopolítica sendo uma figura emblemática e paradoxal do estado de exceção”.<sup>17</sup>

A esse respeito, Mbembe revela que nenhuma revisão histórica do crescimento do terror moderno poderá omitir a escravatura, entendida como um dos primeiros exemplos de experiência biopolítica. Em muitos aspectos a própria estrutura do sistema de *plantation* (plantações) e de suas consequências revela a figura emblemática e paradoxal do Estado de Exceção<sup>18</sup>.

Para ele, nós nos constituímos desde o princípio e no seu fim numa zona de exceção. A exceção nos marca e os seus efeitos modelam as práticas discursivas reatualizando os traços de colonialidade, colocando em suspensão o que realmente almejamos ou queremos dizer quando falamos em democracia, principalmente em contextos que se constituíram sob o mito da democracia racial<sup>19</sup>.

Mbembe, afirma que as questões biológicas conduziram (e conduzem) a políticas de mortes definindo quem deve viver e quem deve morrer, e fazendo esse controle dos corpos através das divisões no campo biológico, diz ele: “Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”<sup>20</sup>.

---

<sup>16</sup> Mbembe, A. (2017). Políticas da inimizade. Lisboa: Antígona. Cit. p. 35.

<sup>17</sup> Mbembe, A. (2017). Políticas da inimizade. Lisboa: Antígona. Cit. p. 27.

<sup>18</sup> Mbembe, A. (2017). Políticas da inimizade. Lisboa: Antígona. Cit. p. 27.

<sup>19</sup> LIMA, Fátima. BIO-NECROPOLÍTICA: DIÁLOGOS ENTRE MICHEL FOUCAULT E ACHILLE MBEMBE. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 70 (no.spe.): 20-33, 2018.

<sup>20</sup> MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018. Cit. p. 128.



A raça, dentro de uma relação de classe sempre teve uma elevação no discurso do biopoder.<sup>21</sup>

Nesse contexto, verifica-se que o período escravocrata, é uma grande representação do que se diz biopoder, haja vista desumanização representada pelo livre exercício da soberania, uma vez que o negro tinha sua dignidade e sua liberdade roubada por um senhor branco, Mbembe afirma que, a vida do escravo é uma forma de “morte em vida”.

Em primeiro lugar, no contexto da colonização, figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral). Para nos certificarmos, como estrutura político-jurídica, a fazenda é o espaço em que o escravo pertence a um mestre. Não é uma comunidade porque, por definição, implicaria o exercício do poder de expressão e pensamento. (MBEMBE, 2016, p. 131).

Na contemporaneidade, observamos que a seleção através da condição biológica e étnica ainda tem uma grande proeminência, só é observar a porcentagem da população que mais morre no Brasil. Essa população é uma população negra que faz parte de um grupo étnico majoritariamente de territórios periféricos, pessoas que são discriminadas, segregadas e marginalizadas pelo Estado, que é o racismo.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Silva, Carlos. COVID-19 E NECROPOLÍTICA NA CONJUNTURA BRASILEIRA. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 2, n. 6, Boa Vista, 2020.

<sup>22</sup> Silva, Carlos. COVID-19 E NECROPOLÍTICA NA CONJUNTURA BRASILEIRA. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 2, n. 6, Boa Vista, 2020.

Para Mbembe, Foucault entende que o “Racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Para o filósofo<sup>23</sup>, “Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer”.

Nesse contexto, convém destacar que, no Brasil, o histórico de detrimento de classes raciais, foi, inclusive, condição fundante do nosso país, fato este que deixa resquícios até os dias atuais, sendo, portanto, fator determinante para o baixo acesso às políticas sociais da população negra.

## **2 CONDIÇÕES FUNDANTES DO ESTADO BRASILEIRO**

Consoante supracitado, a base fundante do nosso estado está diretamente ligada ao genocídio indígena, dos povos originários e sua colonização forçada; logo em seguida, tem-se o processo de escravidão, onde havia povos retirados de suas tribos, submetidos a trabalhos forçados, os quais tinham sua liberdade corporal usurpada pelos colonizadores e senhores escravocratas.

Nesse momento, pode ser delimitado o surgimento da Necropolítica no Estado brasileiro, a escolha de quem vive e morre, o detrimento de uma classe para a ascensão de outra, sempre com o “aval” estatal, tendo estabelecida a formação do estado como ente torturador.

Deste modo, deve-se questionar se de fato, existe um Brasil pós-abolição, “Ou se, por outro lado, a imagem (normativa e negativa) de um Brasil pós-abolição não seria precisamente um signo ‘das inconveniências da História para a vida’ que

---

<sup>23</sup> MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018. Cit. p. 128.

impedem de conceber que não há Brasil pós abolição porque jamais conhecemos abolição efetiva.”<sup>24</sup>

Partindo dessa análise, pode-se dizer que o período escravocrata ainda vigora, isto porque “o Brasil pode ser definido como uma Nação cujo projeto consistiu em uma sucessão de usos necropolíticos (e etnocidas) da memória do colonialismo e do escravismo, impedindo ou governando os usos biopolíticos dessa memória que significaria, senão a sua integral superação, a instauração de um novo horizonte de possíveis políticos – isto é, uma nova relação com a vida”.<sup>25</sup>

Todavia, não se vislumbra a superação desse passado exploratório, sendo que, atualmente, e ainda, com ênfase ao estado pandêmico atual, evidencia-se que o povo negro ainda tem para si a realidade periférica, a liberdade individual usurpada e a submissão ao poder estatal, principalmente no que se refere à política de mortes.

Na construção dessa linha do tempo sobre o desfavorecimento racial, temos, ainda, um Estado Nacional do século XIX e XX, pós escravatura, que demonstra a necessidade de implementação de mecanismos de coerção, acerca do domínio sobre a população negra, pois a ela se reserva o barateamento da mão de obra e o seu lugar às margens da sociedade; o que potencializa a exploração e a ideia de descarte destes povos, agora supervisionada por um Estado de Direito omisso.

O contexto pandêmico em que nos encontramos, só escancara a falha na organização social, a falta de políticas públicas eficazes, e a seleção social que a Necropolítica proporciona. Colocando em linhas gerais, a desigualdade social

---

<sup>24</sup> CORRÊA, Murilo Duarte Costa; Vieira, Cainã Domit. NECROPOLÍTICA DA MEMÓRIA ESCRAVA NO BRASIL PÓS-ABOLIÇÃO. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 368 - 401, jan./abr. 2019, cit. p. 371.

<sup>25</sup> CORRÊA, Murilo Duarte Costa; Vieira, Cainã Domit. NECROPOLÍTICA DA MEMÓRIA ESCRAVA NO BRASIL PÓS-ABOLIÇÃO. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 368 - 401, jan./abr. 2019, cit. p. 371.

enraizada na sociedade encontrou um “aliado” sanitário para que uma exterminação racial ocorra de forma legítima através da negligência do Estado.

É cediço que o acesso a elementos fundamentais, tais como; moradia, saneamento básico, higiene básica, sistema de saúde pública, segurança, educação alimentar, estrutura econômica, estrutura familiar, acesso mínimo a informações, condições dignas de trabalho; São necessários para o enfrentamento da atual pandemia, no entanto, fica evidente que a falta desses elementos nos proporciona os efeitos colaterais discrepantes entre uma classe e outra.

Dessa forma, é um equívoco afirmar que a mortalidade é democrática, haja vista que o estado de pobreza, - o qual, em sua maioria é composto por negros <sup>26</sup>-, desemboca todos os efeitos de um estado que se utiliza de uma política de extermínio predominante desde a sua colonização.

Portanto, vale ressaltar que esse sistema de gerenciar mortes, não adveio da condição de calamidade pública, muito pelo contrário, a crise sanitária, provocada pela COVID-19, apenas elucidou todas as dificuldades e ônus que a população pobre e negra, historicamente enfrentam.

Dessarte, diante das altas taxas de mortalidade no cenário pandêmico, sobretudo dos pobres e das chamadas minorias, o desejo em obter o controle de letalidade, escancara a legitimação do gerenciamento das mortas - a Necropolítica.

### **3 MORTALIDADE NEGRA**

---

<sup>26</sup> Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil Local: Rio de Janeiro Editor: IBGE Ano: 2019. Disponível em <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)> Acesso em 27/07/2020

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde reconheceu o estado de Pandemia em decorrência do vírus SARS-COV-19, sendo que até o dia 19 de junho de 2020, já foram contabilizadas 450.686 <sup>27</sup> mortes.

Estudiosos<sup>28</sup> afirmam que o grau de mortalidade atinge em sua maioria os mais idosos, pessoas com doenças crônicas como cardiopatias, diabetes, câncer, baixa imunidade. No entanto, em uma análise internacional, o que tem se observado é que a questão étnico-racial se apresenta como um fator de risco, haja vista que negros aparentemente possuem uma vulnerabilidade maior do que os brancos, no que se refere a resistência ao vírus.

Vejamos as notícias:

Em Chicago, cidade mais populosa do estado de Illinois, onde o ex-presidente americano Barack Obama vive e fez carreira política e acadêmica, os negros compõem 30% da população, mas representavam 68% dos 118 mortos e 52% dos cerca de cinco mil casos confirmados no município até quarta-feira (7). A taxa local de morte de negros pela pandemia é quase seis vezes maior que a de brancos. (MARINI, 2020, p. 1)

E mais:

Em Milwaukee, município com a maior população de Wisconsin e a 28ª dos EUA, o cenário é parecido. Os negros, que formam 28% da população,

---

<sup>27</sup> Dados da folha informativa OPAS/OMS BRASIL, disponível em <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875)> Acesso em 21/06/2020

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Wanderson Kleber de et. al. COMO BRASIL PODE CONTER O COVID-19. Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, 29(2):e2020044, 2020.

representam 73% das 45 mortes do município. A desproporção é mais alarmante quando se considera os índices de todo o estado: quase metade das mortes por coronavírus é de negros, que constituem apenas seis por cento da população. (MARINI, 2020, p. 2)

Nesse diapasão, convém destacar que as subnotificações Brasileiras, levaram o pronunciamento da Justiça Federal do Rio de Janeiro<sup>29</sup>, a fim de determinar que as notificações de casos confirmados e óbitos, em decorrência do coronavírus, incluam, obrigatoriamente, informações de raça e cor dos infectados.

No entanto, a referida decisão foi suspensa, o que, por razões óbvias, demonstra escancaradamente a falta de controle dos dados sobre a pandemia e dos grupos subalternizados mais atingidos pelo vírus.

Salienta-se a necessidade do mapeamento por classes, justamente para que os protocolos de mobilização - a fim de viabilizar a contenção do vírus -, sejam formulados de forma adequada a amparar as populações diretamente atingidas. Todavia, de acordo com a decisão suspensiva, a referida desconsiderou tal relevância, argumentando que “a ordem judicial faria com que os agentes de saúde “repentinamente” fossem “obrigados a modificar suas atividades para promover o cumprimento daquilo que os autores - sem qualquer planejamento - reputam devido”.

Tal embate, evidencia o desmazelo do estado para com a população negra, sendo reafirmado em uma análise realizada pela Agência Pública<sup>30</sup>, a qual

---

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-15/populacao-negra-vai-a-justica-para-contar-seus-mortos-por-covid-19-e-expoe-leitura-deformada-da-pandemia.html>> Acesso em 24/07/2020

<sup>30</sup> Análise da Agencia Publica Brasileira <<https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/>> Acesso em 21/06/2020



demonstrou que há uma morte para cada três brasileiros negros hospitalizados por Covid-19, enquanto entre brancos a proporção é de uma morte a cada 4,4 internações. Em São Paulo, cidade com o maior número de casos, bairros com maior concentração de negros têm mais óbitos pela doença. Dos dez com o maior número absoluto de mortes por coronavírus, oito têm mais negros que a média municipal.

Esses dados se reafirmam, em um estudo liderado por pesquisadores da PUC-Rio<sup>31</sup>, em termos de óbitos por Covid-19, pessoas sem escolaridade têm taxas três vezes maiores (71,3%) em relação àqueles com nível superior (22,5%). Combinando raça e índice de escolaridade, o cenário fica ainda mais desigual: pretos e pardos sem escolaridade morrem quatro vezes mais pelo novo coronavírus do que brancos com nível superior (80,35% contra 19,65%). Considerando a mesma faixa de escolaridade, pretos e pardos apresentam proporção de óbitos 37% maior, em média, do que brancos.

Essa desproporção de óbitos nos leva refletir sobre o Estado de Exceção Foucaultiano, isto porque o desprezo com a parte minoritária da população, bem como a ausência de elementos capazes de promover a equidade desses cidadãos, consigna-se em assassínio indireto: “o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição”.<sup>32</sup>

O racismo de Estado se coloca como um aspecto determinante no processo de definição das condições de aceitabilidade para quem vive e morre, no sentido de

---

<sup>31</sup> Estudo realizado pelo Centro Técnico e Científico da PUC-Rio <<http://www.ctc.puc-rio.br/diferencas-sociais-confirmam-que-pretos-e-pardos-morrem-mais-de-covid-19-do-que-brancos-segundo-nt11-donois/>> Acesso em 21/06/2020

<sup>32</sup> Foucault, M. Em Defesa da Sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 306.

que a vida do pobre é colocada no topo da lista daqueles que serão descartados pelo Estado.<sup>33</sup>

### 3.1 Dos Dados de Mortalidade entre Negros Durante a Pandemia

De acordo com a pesquisa realizada pelo Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (NOIS), liderado pelo Departamento de Engenharia Industrial do Centro Técnico Científico da PUC-Rio (CTC/PUC-Rio), o número de mortes entre negros e pardos é maior do que o número de mortes registrado entre pessoas brancas.

A disparidade socioeconômica e geográfica influencia diretamente na apuração final desses dados, de acordo com a pesquisa, o número de mortos entre negros e pardos chega a 55%, enquanto entre os declarados brancos não passa de 38%.

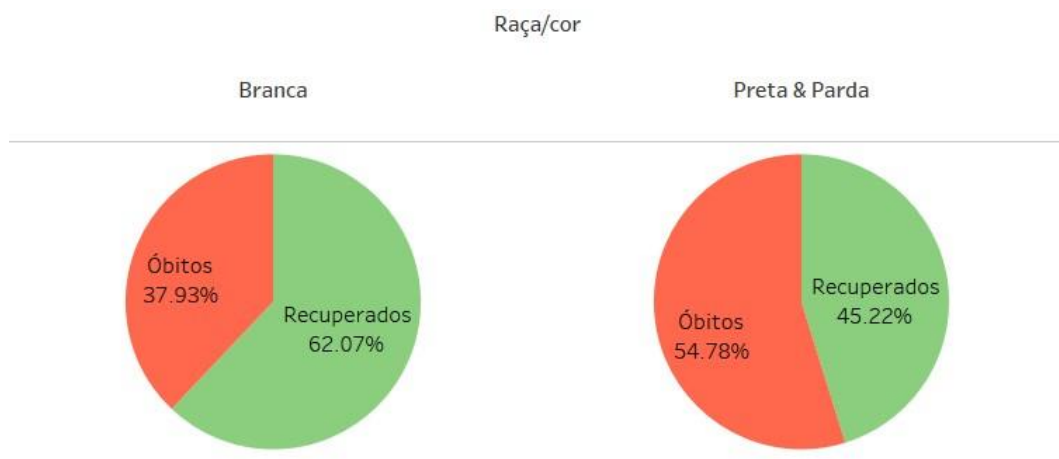


Figura 1 - Percentual de óbitos ou recuperados por Raça/Cor

<sup>33</sup> Foucault, M. Em Defesa da Sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 306.

Outro dado que chama a atenção no levantamento feito pelo NOIS, é o número de mortos e o nível de escolaridade dos atingidos, os números demonstram que o pacientes sem escolaridade, morrem mais que do que os pacientes que possuíam nível superior:

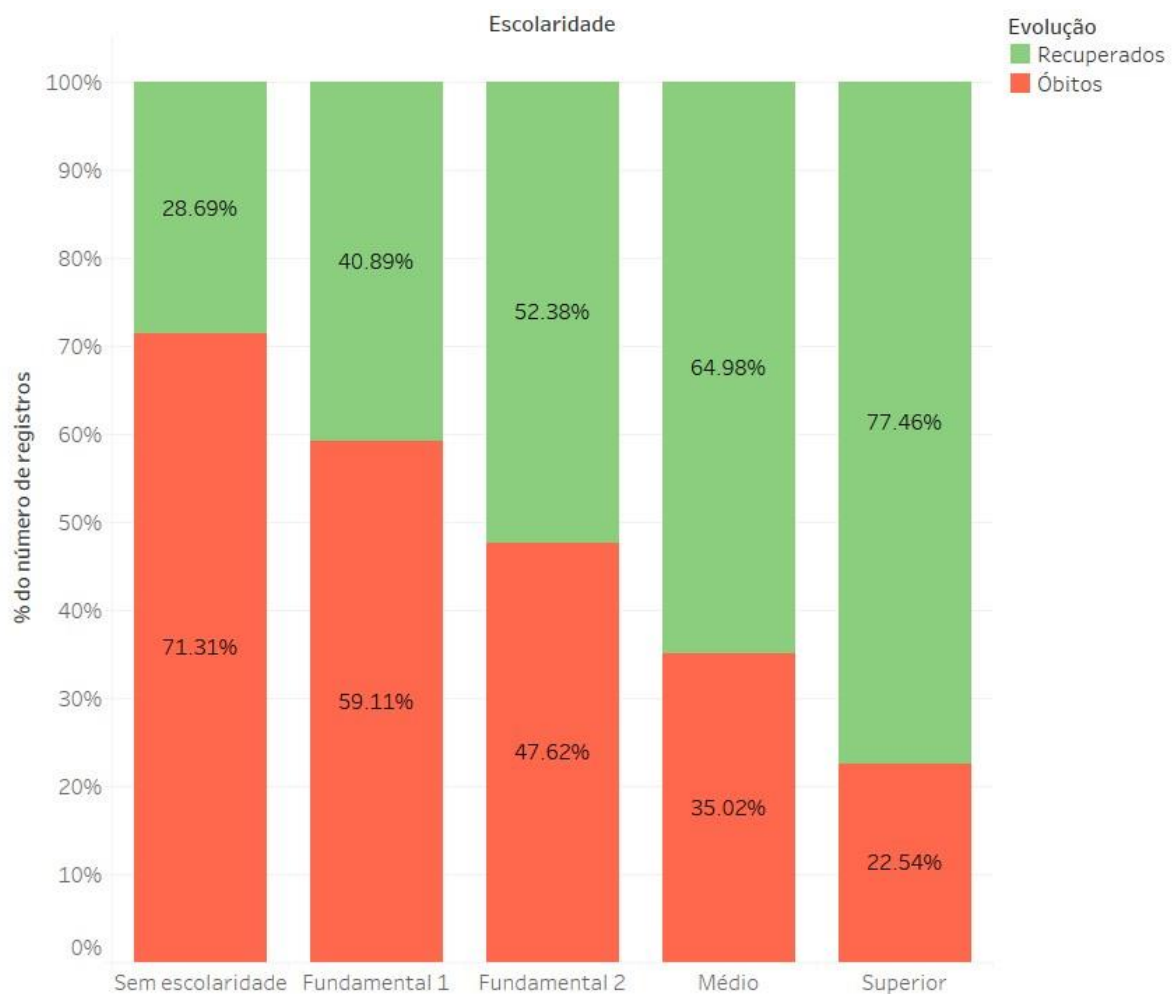


Figura 2 - Proporção de óbitos ou recuperados por nível de Escolaridade do paciente

Quando a uma comparação dos dados, em relação a cor e a escolaridade dos pacientes que chegaram a óbito, a discrepância na porcentagem aumenta mais ainda,

pretos e pardos que não possuem escolaridade, morrem mais. E, ainda que esse nível educacional seja igual, no caso, nível superior, a classe negra ainda lidera o número de mortes:

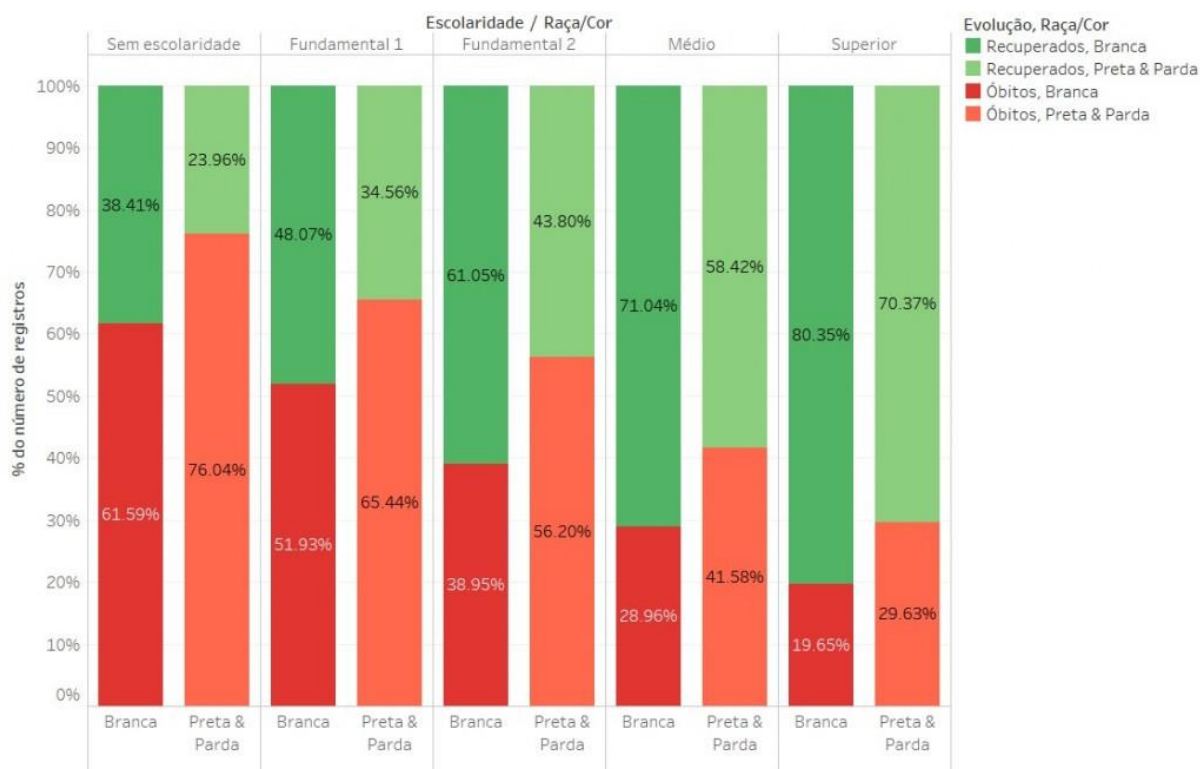


Figura 3 - Proporção de óbitos ou recuperados por escolaridade e Raça/Cor

Da análise dos gráficos, verifica-se que incidência dos óbitos, decorrentes do vírus COVID-19, acomete, em maiores proporções os pacientes negros, quando comparados aos pacientes brancos.

A referida amostragem corrobora com o conceito Necropolítico aplicado na sociedade brasileira, através do desenvolvimento socioeconômico do estado. Isto se nota pela antidemocracia do vírus pandêmico, haja vista que, em que pese a

mortalidade e disseminação dele ocorra de forma igualitária entre os seres humanos, o que tem se observado é que sua mortalidade é seletiva.

Obviamente o alcance mortal do vírus, por sua natureza biológica, não escolhe as mazelas da população. Contudo, fatores históricos e sociais são responsáveis por essas divergências.

Atualmente, o maior número da população negra se concentra nas favelas e bairros periféricos espalhados por todo Brasil. A sociedade suburbana, marginalizada, não tem acesso, de forma efetiva e suficiente, a educação e ao sistema de saúde básico, de tal forma, que, nesses grupos, a situação de calamidade se perpetua de tal forma a tornar, cada vez maiores e discrepantes, as desigualdades em relação a população branca.

Em um levantamento de dados feito pelo Voz das comunidades, através de dados do Ministério da Saúde e da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, foi possível concluir que, algumas favelas do Rio de Janeiro somam mais mortes por COVID-19 do que o total de óbitos em 15 estados brasileiros:

| Estados               | Mortes     |
|-----------------------|------------|
| MS                    | 17         |
| MT                    | 32         |
| TO                    | 42         |
| RR                    | 64         |
| SE                    | 69         |
| DF                    | 77         |
| AC                    | 76         |
| GO                    | 78         |
| PI                    | 87         |
| RO                    | 90         |
| SC                    | 94         |
| PR                    | 137        |
| AP                    | 142        |
| RS                    | 161        |
| RN                    | 170        |
| <b>Favelas do Rio</b> | <b>172</b> |

Fonte: Ministério da Saúde e Voz das Comunidades

É no interior dessas comunidades, onde se concentra o maior número de negros do Estado do Rio<sup>34</sup>, que o vírus ganha maior potencial de contágio, devido às condições insalubres que os moradores são submetidos, haja vista a escassez de água, saneamento básico, coleta de esgoto; dentre outros fatores sociais, que desfavorece a qualidade higiênica de tal população.

Em conformidade a lógica do filósofo Achille Mbembe, a Necropolítica, fundada já no período de colonização, traz, consigo, reflexos estruturais evidenciados até os dias atuais, inclusive, a própria legitimação de tal política de extermínio tem, como alvo, a população negra, pobre e desfavorecida.

A precariedade no fornecimento de infraestrutura básica, saúde e escolaridade, torna a população negra os maiores alvos do COVID-19 dentro da sociedade, esta, guardada por um sistema político social que tem na mão o poder de decidir quem vive e quem morre, ainda, pautado, também, no que se entende por higienismo social.<sup>35</sup>

## CONCLUSÃO

---

<sup>34</sup> Vide <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/526/3/LAViega.pdf> e <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2008-12-16/negros-sao-maioria-nas-favelas-segundo-estudo-do-ipea>

<sup>35</sup> A política higienista está ligado a ideia de limpeza e urbanização saudável dos grandes centros, conceito esse que visa a equiparação entre as "classes subalternizadas e as "classes perigosas". Episódios famosos como os que envolveram o Cortiço "Cabeça de Porco" (1893) e a Cracolândia (2012; 2017), demonstram como este conceito está ligado a expulsão das classes pobres dos grandes centros e conseqüentemente a marginalização desses povos, um processo de "embelezamento urbano" e abandono, amparados por uma política egoísta do poder público, que visa a mera exclusão e subalternização dos povos miseráveis em prol do bem estar das classes mais abastadas. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/30172/24066> Acesso em 29/07/2020



O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise filosófica, gráfica e comparativa, da teoria Necropolítica, desenvolvida por Achille Mbembe, posta em face aos efeitos do Estado Pandêmico atual, ocasionado pelo novo COVID-19, e suas consequências diretas em relação a população negra brasileira. Além disso, também permitiu uma análise de dados, onde foi possível corroborar a ideia central do artigo, apontando os principais fatores que levam à conclusão de que o vírus é sim mais letal a população negra brasileira.

Ao fazermos uma análise histórica a respeito da teoria Necropolítica no âmbito nacional, é possível identificar as raízes podres de um processo abolicionista voltado a anseios políticos, econômicos e jurídicos, e não apenas um processo libertário, dogma esse que ao longo do séculos XIX e XX permitiu que a liberdade dos corpos negros fosse uma moeda de troca e não um direito fundamental, bem como a intenção de cravar a esses povos uma história sangrenta e uma luta árdua pela liberdade e por uma colocação justa em uma sociedade branca e opressora, determinada por uma estratégia bio-necropolítica de branqueamento e derramamento de sangue negro.

Apanhado histórico este, que permite corroborar a temática central desta dissertação. Abandonados à própria sorte, sem estrutura básica ou suficiente de educação, saneamento básico, auxílio financeiro governamental suficiente, os negros são comprovadamente os mais afetados pelos efeitos colaterais do COVID-19, a desigualdade representada neste artigo por números, também salta aos olhos quando nos é apresentado o dia a dia das pessoas que não podem “isolar-se” do vírus por falta de opção. A exposição gigantesca e a falta de opção levam ao resultado deste artigo: Os negros morrem 15 vezes mais que os brancos durante a pandemia da SARS-COV-2 no Brasil.

Dada à importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de políticas sociais integrativas, onde os mais expostos ao vírus possam ter tratamento digno, opção de resguardo, e o mais importante, as mesmas chances de uma pessoa

branca de sobreviver a pandemia, trata-se não só de uma política pública de medidas sanitárias, mas também uma campanha de equiparação social e racial. Nesse sentido a responsabilidade do Estado nessas mortes é integral, pois apenas O Estado tem o poder de prover recursos para um enfrentamento justo e digno a todos.

Os números de contaminados em todo Brasil, pelo COVID-19 até o término deste artigo são de 2.483.191, e o número de óbitos pelo vírus é de 88.539.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMA PRETA (São Paulo). **COVID: HÁ MAIS CHANCE DE LETALIDADE ENTRE NEGROS**. Outras Mídias, [S. l.], p. 1, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/covid-ha-mais-chance-de-letalidade-entre-negros/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

BARREIRA, Gabriel. **FAVELAS DO RIO SOMAM MAIS MORTES POR COVID-19 DO QUE 15 ESTADOS DO BRASIL**. G1, RIO DE JANEIRO, p. 1, 21 Maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/21/favelas-do-rio-somam-mais-mortes-por-covid-19-do-que-15-estados-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 29 jul. 2020.

CORRÊA, Murilo Duarte Costa; Vieira, Cainã Domit. **NECROPOLÍTICA DA MEMÓRIA ESCRAVA NO BRASIL PÓS-ABOLIÇÃO**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 368 - 401, jan./abr. 2019.

**DIFERENÇAS SOCIAIS: PRETOS E PARDOS MORREM MAIS DE COVID-19 DO QUE BRANCOS, SEGUNDO NT11 DO NOIS**. CTC - CENTRO TÉCNICO CIENTÍFICO/PUC-RJ, [S. l.], p. 1, 27 Maio 2020. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 29 jul. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 2014b.

\_\_\_\_\_, M. **EM DEFESA DA SOCIEDADE**. Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 306.

LIMA, Fátima. **BIO-NECROPOLÍTICA: DIÁLOGOS ENTRE MICHEL FOUCAULT E ACHILLE MBEMBE.** Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 70 (no.spe.): 20-33, 2018.

MBEMBE, A. **NECROPOLÍTICA.** São Paulo, sp: n-1 edições, 2018.

\_\_\_\_\_, A. **POLÍTICAS DA INIMIZADE.** Lisboa: Antígona, 2017.

\_\_\_\_\_, A. **NECROPOLÍTICA: BIOPODER, SOBERANIA, ESTADO DE EXCEÇÃO, POLÍTICA DA MORTE.** Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MUNIZ, Bianca; PINA, Rute; FONSECA, Bruno. **EM DUAS SEMANAS, NÚMERO DE NEGROS MORTOS POR CORONAVÍRUS É CINCO VEZES MAIOR NO BRASIL.** Pública - Agência de Jornalismo Investigativo, [S. l.], p. 1, 6 Maio 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/em-duas-semanas-numero-de-negros-mortos-por-coronavirus-e-cinco-vezes-maior-no-brasil/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber de et. al. **COMO BRASIL PODE CONTER O COVID-19.** Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, 29(2):e2020044, 2020.

ROSSI, MARINA. **População negra vai à Justiça para contar seus mortos por coronavírus e expõe leitura deformada da pandemia.** El País, São Paulo, p. 1, 15 maio 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-15/populacao-negra-vai-a-justica-para-contar-seus-mortos-por-covid-19-e-expoe-leitura-deformada-da-pandemia.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SILVA, Carlos. **COVID-19 E NECROPOLÍTICA NA CONJUNTURA BRASILEIRA.** Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 2, n. 6, Boa Vista, 2020.